
THE CLOCK IS TICKING: REFLEXÕES SOBRE O AMBIENTE 24/7 E O MITO DO *SELF-MADE MAN*

Adrienne Garcia¹

RESUMO

Um ambiente 24/7, “iluminado e sem sombras”, nas palavras de Crary (2014), é o sonho capitalista, uma vez que o sistema imparável e implacável necessita cada vez de mais força de trabalho. Este ensaio teve como objetivo refletir acerca do ambiente 24/7 no discurso neoliberal da produtividade do *self-made man*. Conclui-se que o discurso neoliberal do *self-made man* vem sendo utilizado como uma artimanha do sistema capitalista que busca atores para inventar novas formas e espaços de acumulação. Assim, o sono é visto como uma das últimas barreiras para a definitiva instalação desse ambiente 24/7, um ambiente de produtividade desenfreada para esses indivíduos.

Palavras-Chave: Sono; Produtividade; Consumo; *Self-made man*; Self empreendedor; Neoliberalismo.

EL RELOJ ESTÁ MARCANDO: REFLEXIONES SOBRE EL MEDIO AMBIENTE 24/7 Y EL MITO DEL *SELF-MADE MAN*

RESUMEN

Un entorno 24/7, “iluminado y sin sombras”, en palabras de Crary (2014), es el sueño capitalista, ya que el sistema imparable e implacable necesita cada vez más mano de obra. Este ensayo tuvo como objetivo reflexionar sobre el papel del sueño en el discurso neoliberal sobre la productividad del *self-made man*. Se concluye que el discurso neoliberal del *self-made man* ha sido utilizado como una artimaña del sistema capitalista que busca actores para inventar nuevas formas y espacios de acumulación. Así, el sueño se ve como una barrera final para la instalación definitiva de este entorno 24/7, un entorno de productividad desenfrenada para estos individuos.

Palabras clave: Sueño; Productividad; Consumo; *Self-made man*; neoliberalismo.

¹ Doutoranda em Administração de Empresas pela Fundação Getulio Vargas (EAESP-FGV); Mestre em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Sergipe (PROPADM-UFS).

THE CLOCK IS TICKING: REFLECTIONS ON THE 24/7 ENVIRONMENT AND THE MYTH OF THE SELF-MADE MAN

ABSTRACT

A 24/7 environment “lit and without shadows”, as said by Crary (2014), is the capitalist dream, since the unstoppable and relentless system needs more and more workforce. This essay aimed to reflect on the role of sleep in the neoliberal discourse on the productivity of the self-made man. It is concluded that the neoliberal discourse of the self-made man has been used as a ruse of the capitalist system that seeks actors to invent new forms and spaces of accumulation. Thus, sleep is seen as a final barrier to the definitive installation of this environment 24/7, an environment of unrestrained productivity for these individuals.

Keywords: Sleep; Productivity; Consumption; Self-made man; Neoliberalism.

INTRODUÇÃO

O famoso ditado “treine enquanto eles dormem” ganhou muitas adaptações nos últimos anos: estude enquanto eles dormem, trabalhe enquanto eles dormem – o que nos faz refletir sobre a verdade por trás dessa maneira de pensar. Crary (2014) é categórico ao sugerir as diversas formas pelas quais o sistema capitalista vem tentando derrubar a última barreira que impede o total controle sobre o ser humano, roubando o único tempo que ainda lhe resta.

Nesse contexto, o autor nos apresenta um ambiente 24/7 – uma vida sem pausas – que é o sonho capitalista, uma vez que o sistema imparável e implacável necessita cada vez de mais força de trabalho, em suas demasiadas formas e vindas dos mais distintos lugares, para se sustentar e se manter vivo.

A vida sem pausas, incorporada pelo típico capitalismo do século atual, se enreda no cotidiano do indivíduo, trazendo conflitos acerca do sono e da vigília nesse ambiente “iluminado e sem sombras” citado por Crary (2014). Esse ambiente se instala por meio de uma série de processos que envolvem a produção, o acúmulo, o consumo, a produtividade, entre outras diversas formas incessantes de se manter ativo no jogo (CRARY, 2014).

Apesar desse ambiente parecer social, ele esconde uma verdade amarga, sendo, na verdade, um processo maquinífico sustentado pela interrupção da vida e liberdade do indivíduo. Existe uma impossibilidade cada vez maior de o indivíduo fazer pausas no seu cotidiano, de modo que o sono, ou qualquer variação semelhante, é vista como quebra da continuidade desse processo de atividades incessantes. O sono – ou o descanso – é visto como um roubo do tempo do indivíduo.

Desde os primórdios do capitalismo, a sociedade e o indivíduo vêm sendo abduzido em todas as suas formas. No século XIX, esse processo passou a ocorrer por meio das organizações, que aspiraram boa parte do que sempre pensamos como sociedade e tornaram a um substituto a ela, tendo em vista que, por meio delas, alterou-se toda estrutura social da época. Atividades que eram realizadas por instituições relativamente autônomas e geralmente pequenas eram agora formadas por grandes burocracias. A organização, que empregava muitas pessoas, passou a deter o poder de moldar suas vidas de maneira muito discreta e sutil (PERROW, 1991).

No entanto, o surgimento de novas formas de organização e outras maneiras de operar foram surgindo no sistema capitalista ao longo dos anos, como forma de reinvenção do capital. Desde então o sistema capitalista vem se reinventando em suas formas de comunicar suas vantagens aos indivíduos, a ponto de induzi-lo a participar cada vez mais intensamente do sistema de produção.

A ideia do *self-made man*, termo cunhado por Frederick Douglass, em 1885, em uma famosa palestra, traz a ideia do homem feito por si mesmo. Segundo Douglass, o *self-made man* é aquele que, em suas palavras, “são o que são, sem a ajuda de nenhuma das condições favoráveis pelas quais outros homens geralmente se levantam no mundo e alcançam grandes resultados”.

Esse termo volta a ser explorado no final do século XX, início do século XXI, agora se utilizando do termo *empreendedor*, tornando-se um dos mais potentes discursos que ajudaram a estabelecer o ambiente 24/7. Nesse contexto, são incentivados vários comportamentos para legitimar o *self-made man*, tais como: ritmo de trabalho frenético, disponibilidade absoluta ao trabalho, acumulação de bens e, entre vários outros, a privação do sono.

“Gurus motivacionais” têm se apropriado de diversas técnicas de várias ciências, prometendo transformar o homem médio em um empreendedor de si mesmo, produtivo e que desempenha suas atividades na mais alta performance. Dessa forma, buscam a qualquer custo preencher seu tempo com todas as espécies de atividades, a ponto de não ser possível discernir, dentro do ciclo 24/7, o dia de hoje ou de amanhã, que corre contra o “tempo vazio e homogêneo” citado por Lukács.

Neste ensaio, iremos refletir acerca do ambiente 24/7 no discurso neoliberal do *self-made man*, levantando aspectos como sono e produtividade dentro desse contexto. Além disso, buscamos entender qual o sentido existente por trás desse discurso e como ele induz cada vez mais o consumo em geral.

O MITO DO *SELF-MADE MAN*

O homem é ensinado a obedecer desde muito cedo. Essa obediência é fruto de uma sociedade em que o poder se encontra entre as malhas sociais, gerando uma hierarquia entre aqueles que mandam e aqueles que se sentem compelidos a obedecer a esse poder. Dentro dessa dinâmica social, Foucault (1996) aponta para o surgimento da disciplina, uma invenção burguesa do século XVIII, que deu base para o desenvolvimento sistema capitalista.

Essa tecnologia de poder foi responsável pelo desenvolvimento de diversas instituições disciplinares, que moldaram os indivíduos ao longo do tempo por meio o exercício de poder e controle individualizado sobre os seus corpos. As instituições disciplinares são bem familiares na nossa sociedade, são elas: as escolas, os quartéis, as fábricas, as prisões.

Por meio das instituições disciplinares, é possível conhecer melhor o indivíduo e extrair dele o máximo que ele pode oferecer. Por trás de cada objetivo formal dessas instituições, existe também um interesse do Estado em moldar o indivíduo para que ele aprender a como se comportar naquele ambiente, visto que isso será útil para o trabalho.

Essas instituições possuem uma estrutura, inclusive física, que facilita ao exercício da disciplina de forma cada vez mais eficiente. Foucault (1996) ilustra essa estrutura a partir da ideia do panóptico, uma estrutura arquitetônica circular, desenvolvida pelo jurista Jeremy Bentham no final do século XVIII, pensada para ser instituídas nas prisões. Esse panóptico seria fundamental para a boa manutenção da disciplina, pois tratava-se de uma estrutura circular composta por uma torre de vigilância em seu centro. Essa torre observava aqueles que estariam aprisionados, sem que ele conseguisse saber quando estava sendo vigiado. Assim, a ideia de vigilância e controle constantes o forçaria a manter-se disciplinado, a fim de não ser punido.

Essas formas de controle por meio da vigilância e disciplina são disseminadas nos dias de hoje. A tecnologia tornou-se uma ferramenta essencial no processo de construção desse ambiente incessante, em que basicamente a maioria das atividades que o indivíduo exerce pode monitorada. Dados podem ser armazenados em grandes servidores, comportamentos podem ser acompanhados por algoritmos que, posteriormente, retornam em forma de informações que facilitam ainda mais essa vigilância. Essas informações, em última instância, são capazes de moldar padrões de consumo (WEBSTER, 2010). Assim, o sistema capitalista se alimenta em duas frentes: da força de trabalho e do consumo desses trabalhadores.

Uma vez consolidada a tecnologia disciplinar, por meio das instituições disciplinares, surge a terceira onda do controle: a tecnologia do biopoder. O biopoder se exerce dentro de grandes grupos de indivíduos já disciplinados que formam as populações. Essa tecnologia visa controlar grandes massas a partir do que o Estado entende como segurança para o indivíduo. Dessa forma, passa a controlar suas vidas e seus corpos. Para Foucault (2008), o biopoder, ou biopolítica, como vem a ser chamada posteriormente – sendo esse último termo mais bem consolidado e difundido entre outros autores – é característica da modernidade, embora Agamben (2002) a considere como parte de toda história ocidental.

Convocações biopolíticas, portanto, movem massas, não apenas indivíduos de forma isolada. Essas massas já estão condicionadas a uma forma de viver e pensar, tendo em vista a

maneira como foram “treinadas” pelas instituições disciplinadas. Elas estão preparadas para se adequarem aos ambientes aos quais estão inseridos.

Nesse contexto, outro termo discutido por Foucault nos anos de 1970, enquanto dialogava a respeito do liberalismo e neoliberalismo pós-guerra, é o de *capital humano*. A ideia de capital humano discute diretamente com a ideia de trabalho: a ideia de trabalho tem a ver com um *equivalente geral*, ou seja, não existe uma forma muito precisa para medir o trabalho entre duas atividades distintas. Assim, a maneira que a economia política clássica compara esses trabalhos é a partir do tempo de trabalho. O trabalho é tido, portanto, como uma mercadoria, uma abstração; ele não é apreendido na sua concretude, mas reduzido ao tempo ou à força de trabalho (ROQUE, 2017).

Para Marx (1988), essa é uma consequência negativa da lógica do capital. Para os neoliberais, esse modo de conceber o trabalho é um defeito da economia política, do modo como essa economia política entende o que significa trabalhar. Assim, os neoliberais fizeram da economia uma ciência do comportamento humano, a partir da seguinte pergunta: como obter mais ganhos dos poucos recursos que eu tenho?

A economia será uma ciência das escolhas que os homens fazem sobre como alocar seus recursos, que são raros, para obter maiores ganhos, e como essa atividade humana é vista como aquilo que permite que a pessoa obtenha uma renda, ela é denominada capital. Nesse caso, o que vai gerar renda são as habilidades físicas, psíquicas e emocionais, portanto, denominando-se capital humano. Em vez de o salário ser uma retribuição pelo tempo e força de trabalho alocado na produção, o salário passa a ser visto como uma renda que é um retorno de um investimento nas capacidades físicas e psíquicas do indivíduo. Segundo Foucault (2008, p. 311):

O *homo economicus* é um empresário, e um empresário de si mesmo. Essa coisa é tão verdadeira que, praticamente, o objeto de todas as análises que fazem os neoliberais será substituir, a cada instante, o *homo economicus* parceiro da troca por um *homo economicus*

empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de renda.

Para Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo não é apenas um sistema econômico político, mas uma racionalidade. A consequência disso é que o neoliberalismo vai muito mais a fundo do que simplesmente um modelo econômico, mas trata-se de uma racionalidade, formando o sujeito neoliberal. Esse sujeito passa a interiorizar o modelo da empresa, se justificando como alguém que pensa como empresa e age como empresa, cria laços como empresa, e tem seus custos e investimentos como empresa.

Essa nova racionalidade passa a estar intrinsecamente em todas as nossas relações, na maneira como agimos, falamos, desejamos, nos relacionamos. Ela está intimamente relacionada aos nossos sentimentos e a maneira como transacionamos as nossas emoções (Illouz, 2011).

Dessa forma, é possível entender alguns traços do discurso do *self-made man* sobre o investimento a ser feito em si mesmo: cursos, MBAs, eventos para gerar *network*, além do bem-estar para com o corpo, a mente, entre outras coisas. A partir da ideia de capital humano, o homem passa a ser recompensado por “quem ele é”. Suas conquistas passam a ser resultado daquilo que ele investiu em si mesmo.

O sistema capitalista, no século XXI, têm se aproveitado desse discurso do *self-made man* para disseminar a cultura empreendedora dentro dos seus átrios, comunicando-a de forma inspiradora, de forma que o profissional não mais se submete apenas a uma disciplina, mas adequa a uma convocação biopolítica engajando-se espontaneamente (FOUCAULT, 2008; TRENTO; HOLTZ, 2017). Casaqui (2020) sugere que a inspiração se tornou um termo tão recorrente no tempo presente, que a impressão que se tem é de que cada ser humano pensa em si como uma possível narrativa inspiracional, tamanha a banalização construída sobre esse efeito.

Não é por acaso que esse efeito vem sendo tão disseminado dentro da cultura empreendedora que se alastra na nossa sociedade. Assim, é possível que nos questionemos

sobre tal situação: qual a relação existente entre o efeito de inspirar pessoas e a disseminação do neoliberalismo? Esse questionamento é respondido Casaqui (2020), corroborando com a tese de Dardot e Laval (2017), que o neoliberalismo permeia todo o fenômeno da inspiração – tendo em vista se tratar de uma racionalidade – sendo uma forma sedutora de atrair adeptos ao que McGuigan (2009) chama de *cool capitalismo*.

O autor ainda continua expondo a estratégia de mídia e da comunicação no processo de inspirar, sobretudo utilizando o discurso do sonho e *propósito* – considerada palavra-chave nesse processo – para que o indivíduo produza cada vez mais.

A felicidade é o ponto central para o *self-made man*. Todo esforço que se faz no presente visa alcançar uma felicidade que é posta sempre para o futuro. Boltanski e Chiapello (2009) retratam em sua obra sobre a nova retórica utilizada pelo sistema capitalista para engajar pessoas nesse “novo espírito” dentro do sistema econômico, como uma forma de revolução, de pensar o novo sistema, de um mundo de oportunidades que podem ser alcançadas por meio do esforço e do trabalho duro.

Nesse novo espírito, tem-se o modelo do empreendedor: o visionário, heroico, indivíduo de sucesso. Para Casaqui (2020), o empreendedor é a expressão máxima do neoliberalismo, que serve de dissimulação a transformações radicais que estamos vivendo no mundo contemporâneo. Se o empreendedorismo se tornou senso comum, é em parte por causa do grau em que os governos se envolveram no processo de criação de empreendedores: governos têm fomentado o empreendedorismo por meio de incentivos fiscais, desenvolvimentos de programas para jovens, parcerias com universidades (SZEMAN, 2015).

Szeman (2015) faz um questionamento interessante sobre o porquê de os assuntos empresariais serem tão necessários hoje. A linguagem do risco e a incerteza que sempre acompanhou a atividade empresarial tem se tornado hoje generalizado. Todo mundo tem que ser um empreendedor, porque na ausência de sociedade – das garantias de segurança formal e informal e bem-estar uma vez proporcionado pelas políticas e programas da comunidade e do estado – risco é uma condição universal da existência.

O autor prossegue com seu raciocínio sugerindo a existência duas dimensões principais do risco universal atual e incerteza. Primeiro, o desaparecimento de espaços disponíveis para demanda gera uma necessidade do Estado em deter capital para inovar em suas operações. O risco para o capital contemporâneo hoje é resultado da necessidade de mudança em um período de produção cada vez mais intensiva e extensa processos de acumulação e a falha potencial em fazer as alterações necessárias para tirar proveito de novos locais e espaços de acumulação.

Mudar ou ficar parado pode resultar em falha; sucesso, por outro lado, tornou-se muito mais difícil em um período marcado por crescentes limitações e possibilidades de crescimento. Para o capitalismo tardio, assuntos empresariais são ideais, pois demandam minimamente o estado enquanto trabalham incansavelmente descobrir novas possibilidades de lucro dentro de um sistema cujos médicos o aproximaram traiçoeiramente do colapso. Nesse contexto, investir na produção de sujeitos empreendedores através dos mecanismos do ensino superior, por exemplo, é um preço baixo a pagar para abordar ameaças ao sistema, tanto de estagnação quanto de mudança (SZEMAN, 2015).

Os sujeitos empreendedores surgem em resposta a esta precariedade universal: são atores necessários aos Estados e ao capital para inventar novas formas e espaços de acumulação, mas eles também constituem um modelo de subjetividade adequado às incertezas que frequentar o capitalismo contemporâneo. Em vez de contestar o recuo do Estado e o desaparecimento da sociedade, ou sobre o seu abandono aos ambientes hostis do mercado de trabalho contemporâneo, os empreendedores acolhem as aberturas deixadas por esse recuo como espaços onde eles podem moldar sua própria subjetividade com a maior liberdade imaginável. Diante disso, o desaparecimento do Estado não é visto como uma ameaça, muito menos como uma consequência de decisões políticas que favorecem o capitalismo e promovem os interesses de determinada elite econômica, mas sim como uma compensação de um caminho para uma nova condição de vida atrelada à vitória do liberalismo e à presença de novas tecnologias de comunicação (SZEMAN, 2015).

O desmonte que vivenciamos em várias sociedades no que diz respeito aos direitos e conquistas trabalhistas hoje é uma das transformações mais claras, e que reforçam o ideal do empreendedor no contexto atual. No Brasil, a reforma trabalhista, aprovada em 2017 por meio da Lei 13.467/17, previa a geração de mais de 6 milhões de empregos no país; no entanto, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados -CAGED, entre novembro de 2017 e setembro de 2020 foram gerados 286,5 mil postos de trabalho. Além disso, números do CAGED apontam que 64,7% dessas vagas foram criadas para trabalhos intermitentes, ou seja, um tipo de trabalho em que ocorre a prestação de serviços em períodos alternados, em que o trabalhador é remunerado de forma proporcional.

A reforma trabalhista brasileira também trouxe o instituto da “pejotização”, que, segundo Magno, Barbosa e Orbem (2015), é a prática fraudulenta que utiliza um contrato de prestação de serviços para descaracterizar uma relação de emprego, excluindo o trabalhador da proteção por meio da legislação trabalhista. Para essa questão específica, parece que o empreendedorismo e a cultura empreendedora caem como uma luva como sendo a solução perfeita para crescer sem os “limites” impostos pelo empregador. É a oportunidade de ser dono de si mesmo, de se reinventar, de ser o *self-made man* e conquistar os sonhos que há muito tempo foram deixados para depois.

Nesse cenário, trabalhadores passam a atuar, literalmente, como uma empresa, possuindo um CNPJ, como é o caso no Brasil, tornando-se um Você/S.A, mas na maioria das vezes desempenhando os mesmos serviços que antes, trabalhando tanto ou até mais, mas sem nenhuma proteção do Estado. Esse discurso percorre águas tão mais profundas, que esses indivíduos não só compram a ideia de que são donos de si mesmos e da sua força de trabalho, como também condenam aqueles que não o fazem, e recusam qualquer forma de proteção que sindicatos militam para conquistar. Nessa visão, o trabalhador de “carteira assinada” passa a ser um indivíduo vadio, que vive às custas do Estado.

No mundo contemporâneo, até onde as pessoas vão para atingir o padrão ideal de *self-made man*? Não é possível para o ser humano, por questões naturais, acompanhar o ritmo frenético do capitalismo 24/7, contudo, a racionalidade liberal impõe, de forma inconsciente,

a necessidade de estar completa e inteiramente envolvido no trabalho, pois a sua geração de capital depende do quanto você produz (CRARY, 2014).

Para sustentar esse estilo de vida, as pessoas passam a consumir cada vez mais ferramentas para aperfeiçoamento da sua carreira, sejam cursos, palestras, treinamentos de *coach*; assim como ferramentas tecnológicas. Consomem também mais acessórios e vestimentas, a fim de melhorar sua imagem corporal e se adequar à cultura do belo. Também passam a consumir cada vez mais substâncias para se manterem ativas, focadas e em estado de alerta o máximo de tempo que elas conseguirem. Nesse cenário, deparam-se com seu maior inimigo contra sua produtividade: o sono.

SONO E PRODUTIVIDADE NO DISCURSO DO *SELF-MADE MAN*

O sonho do *self-made man* carrega uma série de sacrifícios a serem vivenciados pelo indivíduo. É um novo estilo de vida em que, em todo tempo, é necessário estar trabalhando em prol dos propósitos que se busca, e isso envolve corpo, alma e mente. A busca pela produtividade e pela alta performance faz parte da racionalidade capitalista, portanto, inerente àqueles que buscam viver dentro desse sistema.

Dardot e Laval (2017) sugerem que nessa racionalidade, o novo sujeito é o homem da competição e do alto desempenho, gerando-se um culto à alta performance. Incentivar esse tipo de comportamento é o que mantém a economia girando freneticamente, por meio do consumo desenfreado de ferramentas auxiliem nesse processo. Seus sinais estão à nossa volta: desde os milhões de dólares gastos pelos governos em programas e políticas para apoiar o empreendedorismo à enxurrada de novos livros de negócios dedicados ao assunto; o que vemos, mais uma vez, é a ação da biopolítica no controle do sujeito (SZEMAN, 2015).

Os livros de autoajuda e motivacionais têm sido cada vez mais comercializados, sendo utilizados como fonte de conhecimento daqueles que buscam melhorar suas vidas. Tony Robbins, um dos responsáveis pela popularização da PNL – Programação Neurolinguística, tornou-se um dos *coachs* mais conhecidos do mundo, comercializando livros motivacionais a partir da década de 80. Entre eles estão: Poder sem limites (1986), Passos de Gigante (1994),

Desperte seu Gigante Interior (2015). Muitos desses livros ganharam novas edições a partir da crescente cultura do empreendedorismo nos últimos anos. Esses livros incentivam o indivíduo a reprogramar a mente, que é a fonte da sua força. Quando o indivíduo conseguir tal feito, controlará toda a sua vida, e conseguirá direcionar seus esforços adequadamente.

Dentro dessa lógica da produtividade, todo tempo disponível é imprescindível para o atingimento de metas, portanto o sono é visto, muitas vezes, como um inimigo da produtividade, logo, do sistema neoliberal. Apesar de o sono ser uma necessidade fisiológica do ser humano, não sendo um ativo comercializável do capitalismo, o sistema tenta, a todo custo, comprá-lo o máximo que pode. Para Crary (2014, p. 14): “o sono é uma interrupção sem concessões no roubo de nosso tempo pelo capitalismo”.

O sono, então, a último espaço da vida do indivíduo ainda não colonizado pelo capitalismo. É o único momento de nossas vidas em que não podemos produzir ou consumir, sendo seres inexistentes para o sistema. Dessa forma, cada vez mais buscam-se meios para quebrar essa barreira e fazer com que o ser humano exista para o capitalismo 24/7.

Crary (2014) discorre acerca da mídia e da indústria farmacêutica, e como se criam grandes mercados de consumo. A publicidade nos faz perceber essa interrupção de vida como algo positivo, como se existir *full time* para o mercado fosse algo bom e cheio de oportunidades. Slogans como “Seja imparável”, “trabalhe enquanto eles dormem”, “A cidade que não dorme” são bastante comuns na era do neoliberalismo. A ideia de que as coisas funcionem 24/7 passa a estar enraizada na racionalidade do sujeito, às vezes de uma maneira muito sutil.

Além disso, o autor chama atenção para cada nova droga que é produzida e comercializada pela indústria farmacêutica carrega uma essencialidade, uma solução eficiente e de uso obrigatório, caso o indivíduo deseje eliminar tal barreira. Essa indústria que outrora desenvolveu, e desenvolve, produtos para as pessoas que sofrem com alguma patologia consigam dormir, também oferecem soluções para que elas fiquem mais alertas, durmam menos, ou se recomponham de uma noite de sono mal dormida.

É cada vez mais comum ouvir discursos de como as pessoas dormem menos e trabalham mais, com um tom de vangloria. Hal Elrod (2016) lançou um livro que se transformou em *best seller* nos últimos tempos. No livro “O milagre da manhã”, o autor orienta ao seu leitor sobre uma série de atitudes que podem transformar o seu dia e proporcionar um melhor desenvolvimento pessoal, dentre eles acordar mais cedo. Apesar da intenção do autor, a qual não cabe aprofundar neste momento, o livro tem sido utilizado por muitos *self-made men* como base para legitimar os seus discursos o sono e a produtividade.

Retomando a discussão sobre a biopolítica em Foucault (2008), o ambiente 24/7 também está totalmente entremeado, nas palavras de Crary (2014), a mecanismos de controle, e não apenas em despertar no indivíduo o desejo de ganhar, ter ou adquirir coisas.

Em outros termos, o próprio ser humano se coloca à disposição da vigilância de sua própria vida, na maior parte das vezes sem saber ou perceber. Essa realidade é constatada por Agamben (2009), que refuta a ideia de autonomia da autoregulação na ordem tecnológica contemporânea. O autor sugere que não haveria um só instante na vida do ser humano em que ele não estivesse sendo controlado por algum dispositivo.

Essa verdade pode ser ilustrada por meio do livro “1984”, de George Orwell (2009), em que o autor cria uma distopia acerca de uma sociedade controlada por um Estado opressor que controlava tudo e todos por câmeras instaladas por toda parte. Constantemente as pessoas eram lembradas que estavam sendo observadas pelo *Big Brother*, ou o Grande Irmão, por meio do slogan que ficou bastante conhecido por todo o mundo: *The Big Brother is watching you*. O livro de Orwell deu ideia ao *reality show* exibido em vários países, inclusive no Brasil, chamado *Big Brother*, uma casa em que as pessoas são vigiadas 24 horas por dia por meio de câmeras.

O que antes parecia ser uma distopia, hoje, para nós, não parece uma realidade tão distante assim, sobretudo na era digital, em que todos os nossos dados e comportamentos são controlados 24/7. Passamos a consumir cada vez mais o *lifestyle* que as redes sociais nos

apresentam, vigiamos e somos vigiados em todo tempo, e somos influenciados e, porque não dizer, manipulados pelo sistema que nos induz a manter um comportamento que o alimenta.

Pensando dessa forma, podemos sugerir que, hoje, as redes sociais podem ser um tipo de instituição disciplinar citada por Foucault (2008), no sentido de que aprendemos a viver *online* da maneira como nos é ensinada, de forma homogeneizada, nos tornando moldados pelo sistema capitalista, a fim de produzir e consumir de acordo com as suas vontades? No entanto, não se afasta também de um tipo de instituição de controle, citada por Deleuze (1992).

Crary (2014) traz outro ponto bastante interessante sobre a vida *online*: o sujeito cria uma *persona*, quase sempre homogeneizada, que existe 24/7 nas redes sociais. Enquanto o indivíduo dorme, o eu virtual não descansa. Seguindo um pouco mais a fundo sobre essa característica, se pensarmos em *self-made manes* e todas as ferramentas utilizadas para se manterem ativos no mercado, tais como páginas de internet, sites, redes sociais, vídeos, propagandas em tráfego pago, sua existência é ativa nas redes sociais 24/7, não apenas passiva, pois enquanto ele dorme, alguém está assistindo seus vídeos, ouvindo seus *podcasts*, recebendo e-mails automáticos enviados por robô. Sua *persona* trabalha enquanto ele dorme. Penso que, apesar de parecer vantajoso, por um lado, por outro torna-se angustiante, pois chegam mensagens, e-mails, convites e vendas a serem fechadas também num ritmo 24/7, mas é que é necessário além da máquina nessa atuação.

Estamos vivendo em uma sociedade em que o sono tratado como uma fragilidade da vida, sendo cada vez mais inadequado, desnecessário e inevitável; e, apesar de todos os esforços, a conclusão que chocante e frustrante ainda é a mesma: nenhum valor pode ser extraído dele. (CRARY, 2014). Não é à toa que hoje vivemos em um mundo que bombardeia o sono por todos os lados, na tentativa de realizar o impossível.

Trabalhar incessantemente é o novo normal para quem quer ser visto no sistema neoliberal e fazer parte desse jogo. O tempo no neoliberalismo parece se tornar cada vez mais ininterrupto, em que não há mais limites no tempo e espaço.

CONCLUSÕES

O sistema capitalista busca desesperadamente por um espaço ainda maior na vida do sujeito. Em cada crise político-econômica que passa, os riscos e incertezas aumentam, e é inevitável buscar na força de trabalho uma alternativa para sua sustentação. Se antes, a coerção era uma forma de se manter no controle, hoje o sistema utiliza de manipulação para o controle dos indivíduos.

Para manter um monopólio sobre o indivíduo, utilizando-o para inserir-se em novas formas e espaços de acumulação, esse sistema tem incentivado cada vez mais o discurso do *self-made man*, a produtividade e o consumo desenfreado, bem como a privação de sono, que significa roubo do tempo.

Conforme aponta Crary (2014), até os fins do século XIX, fábricas que funcionavam 24 horas eram exceções, não regras. No entanto, a reestruturação em larga escala do trabalho e da produção na década de 1880 desencadeou na aceleração e no controle do tempo de circulação e de comunicação, com a finalidade de alcançar o crescimento do capital.

Boa parte das organizações modernas, sobretudo na década atual, devido ao desenvolvimento de ferramentas de tecnologia da informação, possuem a marca que existirem 24 horas por dia, 7 dias por semana. A possibilidade de manter uma plataforma digital, de poder realizar compras e vendas, enviar e-mails, fazer reservas, e continuar com outras atividades organizacionais mesmo após o horário comercial tem incentivado a corrida desenfreada por espaço nesse sistema.

Essas plataformas digitais transformaram, juntamente com alterações jurídicas nas leis trabalhistas, transformaram a vida do indivíduo na sociedade e sua relação com o trabalho. O sistema capitalista busca, através do discurso do *self-made man*, condições cada vez mais precárias e mão-de-obra cada vez mais baratas, vendendo a ilusão de que o indivíduo pode, apenas por ele mesmo, produzir e prosperar. Esse é o discurso que incentiva a produtividade desenfreada, o consumo cada vez maior de ferramentas e outros elementos

para alcançar suas metas, e o encorajamento ao menor descanso possível, pois o relógio está rodando, e é necessário correr contra o tempo.

Enquanto isso, o sistema capitalista nos monitora em todo tempo, a fim converter um número cada vez mais de *self-made men*. O sistema nos monitora por meio das páginas de internet, ele detém os nossos dados, acompanha nosso comportamento; ele desenvolve mecanismos para nos manipular por meio da inspiração, nos fazer sentirmos especiais e donos de nós mesmos, quando, na verdade, nos direciona ao precipício. Ele nos faz acreditar que não existe nada inalcançável, que somos imparáveis e que temos potencial para chegar aos mais altos lugares.

Ele nos induz ao consumo, nos faz acreditar que é possível viver sem dormir, e que o belo está em viver integralmente em busca de um propósito, sem medir esforços. E enquanto ele faz tudo isso, sua máquina cresce. Acreditamos que essa grande máquina é nossa oportunidade de vida, quando, na verdade, cegamente a sustentamos. É possível que estejamos vivendo em prisões tecnológicas e psíquicas?

A metáfora das organizações como prisões psíquicas, de Morgan (1996), nos ajuda a compreender significados ocultos na sociedade em que vivemos e temos como verdade. A racionalidade neoliberal nos faz cair em armadilhas que são criadas, muitas vezes por nós mesmos. Vivemos numa sociedade controlada, e diferente das sociedades de disciplina citadas por Foucault – que sempre estavam recomeçando, nas sociedades de controle, nas palavras de Deleuze (1992), nunca se termina nada.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o Poder Soberano e Vida Nua**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Editora Argos, 2009.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. WMF Martins Fontes, 2009.

CAGED - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. 2021. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/novo-caged?view=default>. Acesso em: 20 de fev. de 2021.

CASAQUI, Vander. Crítica da inspiração nos processos comunicacionais do capitalismo cool. **Comunicacao, Midia E Consumo**, v. 17, n. 48, 2020.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo e os fins do sono**. Editora Cosac Naify, 2014.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Boitempo editorial, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Editora 34, 1992.

ELROD, Hal. O Milagre da Manhã. **Rio de Janeiro: Best Seller**, 2016.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Vozes, 1996.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Zahar, 2011.

MAGNO, A.; BARBOSA, S.; ORBEM, J. "Pejotização": precarização das relações de trabalho, das relações sociais e das relações humanas. **Revista eletrônica do curso de direito da UFSM**, v. 10, n. 2, p. 839-859, 2015.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

MCGUIGAN, J. **Do populismo cultural ao capitalismo legal**. Revista Contracampo, v. 28, n. 3, dez.-mar. Niterói: Contracampo, p. 5-25, 2013

MORGAN, G. **Imagens da organização**. Atlas: São Paulo, 1996.

ORWELL, George. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 1984.

PERROW, Charles. A society of organizations. **Theory and society**, v. 20, n. 6, p. 725-762, 1991.

ROQUE, Tatiana. Subjetividades no ponto cego da esquerda: crise do trabalho e do bem-estar. **Revista Fevereiro**, 2017.

SZEMAN, Imre. Entrepreneurship as the new common sense. **South Atlantic Quarterly**, v. 114, n. 3, p. 471-490, 2015.

TRENTO, Francisco; HOLTZ, Ana Catarina. BORA PRA ACTION: Análise sobre o discurso do empreendedor de alta performance e o self quantificado. **Anais...** XXVI Encontro Anual da Compós, 2017.

WEBSTER, James G. User information regimes: How social media shape patterns of consumption. **Nw. UL Rev.**, v. 104, p. 593, 2010.

Submetido em 05/08/2020

Aprovado em 16/03/2021